



VACINA DA UFRJ DEVE SER TESTADA EM HUMANOS ATÉ DEZEMBRO

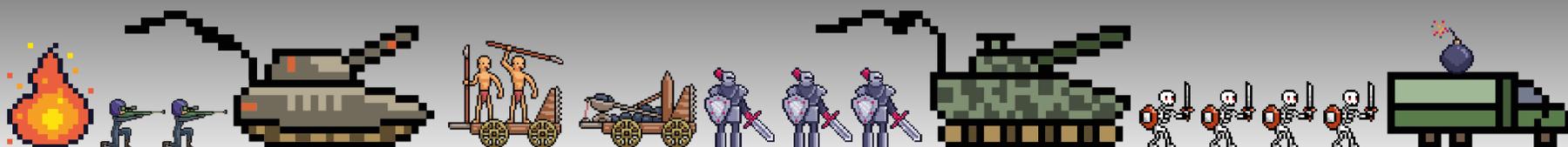
Página 5



METEORITO DA DEMOCRACIA CAI SOBRE O DESFILE DA BARBÁRIE

Foi uma semana dura. O governo Bolsonaro tentou intimidar o Congresso com um patético desfile de tanques e blindados.

Seu ministro da Educação veio a público dizer que “a universidade deveria ser para poucos”, criticou o sistema de cotas e afirmou que reitores não podem ser “esquerdistas ou lulistas”. Mas resistimos e reagimos. No campo político, a intimidação não foi capaz de aprovar o voto impresso, bandeira de Bolsonaro que foi derrotada na Câmara. Os parlamentares também derrubaram o nefasto “distritão”, que enfraqueceria os partidos e favoreceria celebridades. No campo da Ciência, embora com mais cortes no orçamento para 2022, a UFRJ celebra os avanços no desenvolvimento de sua vacina contra a covid-19, a UFRJvac, e recebeu esta semana o meteorito Campinorte, adquirido por meio de doações, um símbolo da afirmação científica diante de um governo negacionista. Vem mais por aí. Dia 18 iremos às ruas contra a reforma administrativa e em defesa do Serviço Público. Nossa mobilização é fundamental e o debate interno nos fortalecerá: duas chapas se inscreveram para disputar a diretoria da AdUFRJ, que terá grandes desafios pela frente. Vamos resistir e reagir. Em defesa da democracia.



Orçamento para 2022 é de R\$ 320,8 milhões

> UFRJ foi informada pelo MEC no último dia 6. Montante, que ainda depende de aprovação pelo Congresso, é maior que os R\$ 299 milhões deste ano, mas inferior aos R\$ 374 milhões de 2020

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Antes do desfile militar desta semana em Brasília, o governo Bolsonaro passou seus blindados por cima do orçamento da UFRJ. No dia 6, a universidade ficou sabendo que terá R\$ 320,8 milhões para custear suas despesas em 2022. O montante, que ainda depende da aprovação do Congresso, representa um pequeno aumento em relação aos R\$ 299 milhões deste ano. Mas ainda é bem inferior aos R\$ 374 milhões recebidos em 2020.

“Estaremos chegando ao final do ano provavelmente com déficit de R\$ 45 milhões a R\$ 50 milhões, e temos um orçamento que se mostra insuficiente para 2022. Os problemas vão se acumular para o ano que vem”, afirma o pró-reitor de Planejamento e Finanças da UFRJ, professor Eduardo Raupp.

Até 31 de agosto de cada ano, o governo precisa encaminhar o Projeto de Lei Orçamentária (PLOA) ao Congresso. E cada órgão federal, informado dos limites dados pelo governo, organiza sua própria proposta orçamentária. No caso da UFRJ, o processo transcorreu de forma abrupta. Sem qualquer diálogo prévio com a reitoria, o MEC despachou um ofício às 18h45 da sexta-feira, dia 6, para a universidade responder até meia-noite do dia 9. “Tivemos o fim de semana e a segunda-feira para encaminhar nossa proposta orçamentária. Obviamente, temos uma base, mas isso foi muito complicado. Não tivemos uma explicação sobre como esses valores foram definidos”, diz Raupp.

Diante do limite do MEC, não foi possível prever grandes mudanças em relação aos gastos praticados nos últimos anos. Haverá um aumento para capacitação dos servidores: de R\$ 1,1 milhão para R\$ 2 milhões. “Acreditamos que todo esse processo da pandemia prejudicou bastante as atividades de capacitação. Nossa expectativa é que haja uma demanda reprimida, que será retomada”, diz Raupp. Bolsas de iniciação científica e de extensão também ganham um pouco mais de fôlego: o valor pula de R\$ 7,4 milhões para R\$ 8,6 milhões.

A proposta do governo também apresenta novidades. A verba do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) voltou ao patamar de 2019 (de R\$ 55,4 milhões); está em R\$ 42,6 milhões. “Positivo, embora insuficiente para nossas demandas”, enfatizou Raupp. E recursos do Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (Rehuf) passam a fazer parte do orçamento — antes, o dinheiro era encaminhado por transferências sem datas definidas, ao longo do ano. Mas há uma redução preocupante, de R\$ 14 milhões neste ano — nenhum centavo recebido até o momento —, para R\$ 10 milhões.

Outra novidade é que o governo criou uma figura de projetos específicos dentro do orçamento. “É um dinheiro que está vindo ‘carimbado’. No caso da UFRJ, em apoio ao curso de Medicina de Macaé, de R\$ 810 mil. Esse dinheiro vem dentro do nosso orçamento, com uma destinação específica, tirando nossa autonomia de como aplicar o discricionário”, Raupp entende que, se o orçamento vier cada vez mais carimbado, neste ou naquele projeto, acaba minando a autonomia e o

PROPOSTA DO GOVERNO PARA A UFRJ EM 2022

(PLOA):
R\$ 320,8 milhões

LOA 2021:
R\$ 299 milhões

LOA 2020:
R\$ 374 milhões

Estimativa de déficit em 2021:
R\$ 45 milhões a R\$ 50 milhões



planejamento da universidade.

De volta a 2021, a situação só não deve ficar pior graças a um pleito que deve ser acolhido pelo MEC: “Estamos na expectativa de uma suplementação de R\$ 6 milhões para o pagamento de funcionários extraquadros dos hospitais e de R\$ 34 milhões para a compra de EPIs (equipamentos de proteção individual), também para os hospitais, no combate à covid-19”, informam. Com a confirmação do recebimento destes valores, a UFRJ poderá arcar com suas contas até parte de novembro. “Nosso desafio é tentar minimizar este déficit e trabalhar o planejamento para o ano que vem”.

SEM DINHEIRO PARA O BÁSICO

No cotidiano, o orçamento reduzido se reflete na falta de recursos para a compra de equipamentos e reparos nas instalações. “Não recebemos nada este ano para material permanente. Em 2019, foram cerca de R\$ 20 mil. Em 2020, já diminuí para R\$ 10 mil”, informa a decana do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), professora Cássia Turci. “Precisamos comprar novos projetores. E os laboratórios de informática de graduação precisam de máquinas novas. Isso sem falar na nossa infraestrutura física. Os telhados estão danificados em alguns locais”, exemplifica a dirigente.

A decana chama a atenção para outra dificuldade relacionada ao orçamento, também criada durante o governo Bol-

sonaro. Desde o ano passado, já em plena pandemia, foi exigida a diminuição do número das chamadas Unidades de Administração de Serviços Gerais (UASG) em cada órgão federal. “As diferentes unidades do CCMN, que eram unidades gestoras, não podem mais realizar seus empenhos. Hoje, a decania é responsável, com alguns servidores das unidades que se juntaram a nós, pela gestão de recursos da própria decania e de mais cinco unidades do Centro”. A decania ainda vai incorporar Matemática e Computação. “Recebemos poucos recursos, há uma série de limitações e elas cresceram muito com a junção das UASG”, diz Cássia.

Se falta dinheiro para o básico, a situação só piora quando se fala em adaptar os espaços e atividades para os protocolos de biossegurança, em tempos de pandemia. “Precisamos adaptar janelas, colocar divisórias de acrílico nas bancadas e aí por diante”. Nos trabalhos de campo, a professora cita o problema de criar um ambiente seguro para o deslocamento de estudantes e professores. “Um ônibus que levaria 40 pessoas antes da pandemia, hoje só pode levar 20. Precisamos de um número maior de veículos. Reconhecemos todo o esforço das pró-reitorias de Finanças e de Governança, mas hoje, quando penso na volta presencial de milhares de estudantes, eu não sei se a universidade aguentaria com o atual orçamento”, conclui.

Sindscope) que representam os servidores das instituições de Educação citadas ingressaram com um pedido de admissão como amicus curiae no caso — ou seja, como partes interessadas. “O acesso ao direito social fundamental à Educação só pode ser discutido em um contexto no qual a sua garantia não represente, por óbvio, risco real à vida e à saúde humanas”, argumentam as entidades, no documento.

AUDIÊNCIA NA JUSTIÇA DISCUTE RETORNO PRESENCIAL DAS AULAS

O retorno presencial das aulas deve impactar o orçamento da UFRJ de forma significativa. Além do esperado aumento de gastos com luz, água e limpeza, é necessário adaptar instalações para receber milhares de estudantes nos diversos campi. Mas nada disso foi considerado em uma ação civil pública movida pelo Ministério Público do Rio, no início do mês passado. Os procuradores Fábio de Aragão e Maria Cordeiro soli-

taram à Justiça Federal que todas as instituições de educação do estado — incluindo as universidades — retomem as atividades de ensino em suas instalações até 18 de outubro. E que todos os protocolos sanitários sejam aplicados, sob pena de multa. Justificam o pedido com uma suposta violação ao direito dos estudantes à Educação.

O processo tramita na 15ª Vara Federal do Rio e, no dia 24 de agosto, haverá uma audiência

para tentar a conciliação entre as partes envolvidas. A reitoria informa que não vai aceitar a imposição do MP. “Em 18 de outubro, estaremos em pleno período letivo e não mudaremos nada antes do término deste período”, diz a reitora Denise Pires de Carvalho. “A proposta da UFRJ é aquela definida conforme os critérios técnico-científicos e nosso plano de retorno. Tudo será discutido nos colegiados superiores”, completa.



EQUIPE DE COVID-19 DO LECC/COPE/UFRJ. Em cima, da esquerda para a direita, Túlio Lima, Frederico Marsili e Daniel Abreu. Embaixo, Renata Alvim e Leda Castilho



Vacina da UFRJ avança rumo a testes clínicos

> Imunizante produzido pela universidade deve ser testado em humanos entre novembro e dezembro. Pesquisa já incorpora a temida variante delta

KIM QUEIROZ
kim@adufjr.org.br

Apesar dos cortes em seu orçamento, a UFRJ vem ampliando os seus esforços no combate à pandemia. Desde o ano passado, a universidade vem desenvolvendo uma vacina contra a covid-19, batizada de UFRJvac, que deve começar a ser testada em humanos até o final do ano. O Dossiê de Desenvolvimento Clínico de Medicamento (DDCM), que contém os detalhes do processo de produção da vacina candidata, dados referentes ao seu controle de qualidade e os resultados dos estudos pré-clínicos, foi enviado para aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) no último dia 6. Atualmente, a pesquisa se encontra em fase final de testes em modelos animais (camundongos, ratos, coelhos e hamsters) para avaliar a segurança e a eficácia da UFRJvac nesses organismos.

“O que já submetemos à Anvisa foram todos os dados de produção do Insumo Farmacêutico Ativo (IFA) da vacina: as técnicas já estabelecidas, a qualidade e a pureza do produto, e os ensaios já feitos em ratos e camundongos”, conta a professora Leda Castilho, coordenadora da pesquisa. Nesse dossiê, também foram listados os estudos de eficácia e toxicologia que estão

em andamento, assim como estudos para qualificação e validação final das técnicas analíticas usadas no controle do processo produtivo e do produto. “Vamos complementar essa documentação em setembro e outubro, porque o nosso objetivo é iniciar os testes clínicos, em humanos, no último bimestre do ano, entre novembro e dezembro”, acrescenta a professora.

EM BUSCA DAS VARIANTES

Leda coordena o Laboratório de Engenharia de Cultivos Celulares (LECC) do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE/UFRJ), onde a tecnologia de produção do IFA começou a ser desenvolvida em fevereiro de 2020. “A nossa vacina é produzida a partir de uma cópia da proteína que recobre o vírus, a proteína Spike, também conhecida como ‘proteína S’”, explica Leda. Antes mesmo da confirmação do primeiro caso de covid-19 no Brasil, os cientistas do LECC/UFRJ conseguiram confirmar a produção da proteína S no laboratório, que vem sendo utilizada na fabricação de testes sorológicos de alta acurácia e baixo custo, do sorotest anti-covid obtido em cavalos e do desenvolvimento pela UFRJ e pelo Instituto Vital Brazil (IVB), e em pesquisas básicas e aplicadas realizadas por diversas instituições brasileiras.

“Ao longo do ano passado, a gente desenvolveu tudo con-

DIFERENCIAIS DA UFRJvac

• **O insumo farmacêutico ativo (IFA) é proteína S (spike) recombinante**

• **Vacinas proteicas costumam ter poucos efeitos adversos, aplicação em todas as faixas etárias e alta eficácia (vide HPV e hepatite B)**

• **Contém IFAs de variantes, inclusive da variante delta**

• **Possibilidade de rápida reformulação para novas variantes**

• **Presença de plantas fabris no Brasil baseadas na mesma tecnologia de produção do IFA**

siderando a proteína S do vírus original, que é conhecida como a cepa de Wuhan. Mas as variantes têm mutações em várias regiões do vírus, inclusive na proteína S”, descreve. “Por isso, a partir de março deste ano, começamos a desenvolver tudo de novo para algumas das variantes que surgiram, mas como já sabíamos o caminho foi tudo muito mais rápido”. Para definir qual a próxima variante a ser trabalhada pela equipe, a professora acompanha os dados que são divulgados de sequenciamento genômico em diferentes países, tentando identificar quais variantes podem se tornar

relevantes e consideradas para o desenvolvimento de novas versões da UFRJvac.

Segundo Leda, na primeira semana de junho o grupo já encomendou o gene que codifica a proteína S da variante delta, que muito tem preocupado os especialistas. O gene chegou em julho, e o LECC já obteve no início de agosto células geneticamente modificadas produzindo de forma estável a proteína S da variante delta. “Já fizemos todo o processo de produção e purificação. Ontem (9), os camundongos transgênicos já foram imunizados na USP de Ribeirão Preto com uma versão da vacina contendo a proteína S da variante delta. Após a vacinação, os animais vão ser infectados com o vírus em um biotério de nível de biossegurança 3, para avaliar a eficácia”, diz. Nos ensaios clínicos, os cientistas irão comparar formulações que têm apenas uma proteína S (monovalentes), com outras que contêm um conjunto de proteína S de três diferentes variantes (trivalentes). “Com base nos resultados dos estudos feitos em animais e em humanos, vamos decidir qual é a formulação que vai para a Fase 3, que é feita com um número grande de voluntários e permite determinar a eficácia da vacina”, comenta.

Além dessa plataforma com potencial de reformulação, outra vantagem da UFRJvac é a segurança, por ser uma vacina baseada em proteínas recombinantes, que são cópias da proteína do vírus. Leda Castilho lembra que outras vacinas proteicas já existem há muitos anos, tendo poucos efeitos adversos, aplicação em todas as faixas etárias e alta eficácia. “A vacina da hepatite B, por exemplo, utiliza uma proteína recombinante e existe há mais de 30 anos. E a primeira dose dessa vacina é dada na rede pública de hospitais brasileiros aos recém-nascidos, no dia do nascimento”, diz.

A presença de plantas fabris no Brasil para produção de proteínas recombinantes também pode favorecer a distribuição da UFRJvac no país. “Nós temos no Brasil algumas instalações fabris adequadas, baseadas em biorreatores, para cultivar o mesmo tipo de célula que usamos na produção da UFRJvac. Então não precisaria de novos investimentos em instalações para a produção.

RESULTADOS ANIMADORES

Desde o início do projeto, uma das responsáveis pelo desenvolvimento das linhagens celu-

lares que produzem a proteína S recombinante é a servidora Renata Alvim, que atua desde 2012 no LECC e, desde 2019, é também doutoranda do Programa de Engenharia Química da Coppe. “Pelo fato de a plataforma de produção da UFRJvac ser baseada na proteína da estrutura do coronavírus, conseguimos produzir em laboratório rapidamente cópias da proteína S já com as variações que estejam em circulação no momento”, aponta Renata. Gerente do LECC, Renata afirma que no caso do surgimento de uma nova variante, a equipe é capaz de produzir em cerca de dois meses a proteína já referente à nova variante.

A integração entre professores e pós-graduandos de diferentes unidades da UFRJ é um elemento fundamental para os avanços da pesquisa. “O Laboratório de Alvos Moleculares participou do desenvolvimento dos vetores de expressão contendo a informação para a produção da proteína S do SARS-CoV-2 em células animais”, destaca o professor Renato Sampaio Carvalho, da Faculdade de Farmácia da UFRJ (FF). Segundo ele, os resultados obtidos nos ensaios pré-clínicos são muito animadores e apontam um caminho exitoso. “Não podemos afirmar que uma vacina é mais promissora do que as outras. Mas a UFRJvac tem algumas vantagens, como o fato de ser formulada já pensando nas variantes”, ressalta.

Além dessa plataforma com potencial de reformulação, outra vantagem da UFRJvac é a segurança, por ser uma vacina baseada em proteínas recombinantes, que são cópias da proteína do vírus. Leda Castilho lembra que outras vacinas proteicas já existem há muitos anos, tendo poucos efeitos adversos, aplicação em todas as faixas etárias e alta eficácia. “A vacina da hepatite B, por exemplo, utiliza uma proteína recombinante e existe há mais de 30 anos. E a primeira dose dessa vacina é dada na rede pública de hospitais brasileiros aos recém-nascidos, no dia do nascimento”, diz.

A presença de plantas fabris no Brasil para produção de proteínas recombinantes também pode favorecer a distribuição da UFRJvac no país. “Nós temos no Brasil algumas instalações fabris adequadas, baseadas em biorreatores, para cultivar o mesmo tipo de célula que usamos na produção da UFRJvac. Então não precisaria de novos investimentos em instalações para a produção.

Desde o início do projeto, uma das responsáveis pelo desenvolvimento das linhagens celu-

NOTAS

DAVIDOVICH EMÉRITO



O presidente da Academia Brasileira de Ciências e professor do Instituto de Física, Luiz Davidovich, tornou-se o mais novo Emérito da UFRJ. O título foi aprovado por aclamação na sessão do Conselho de 12. Os conselheiros destacaram o papel do docente na defesa da produção de conhecimento científico no Brasil. “É uma liderança que sempre atuou em defesa da Ciência nacional, seja na Academia Brasileira, seja nos conselhos da Capes”, afirmou o professor Nelson Braga, também do Instituto de Física.

METEORITO CHEGA À UFRJ

A UFRJ acaba de incorporar ao seu acervo o terceiro maior meteorito do Brasil, o Campinorte. Com aproximadamente 1,5 tonelada e 75 centímetros de diâmetro, ele tem por volta de 4,5 bilhões de anos e caiu no planeta, supostamente, há mais de mil anos, tendo sido descoberto em uma fazenda de Campinorte (daí a origem do nome), município goiano a 300 quilômetros de Goiânia. Recebido na quinta-feira (12), o Campinorte ficará exposto ao público no Museu de Geodiversidade da UFRJ. A universidade já conta com os dois maiores meteoritos do país, o Bendegó e o Santa Luzia. A rocha foi adquirida por meio de um movimento colaborativo de doações. O custo total foi de R\$ 365 mil.

APAGÃO NA PLATAFORMA LATTES

No último mês, pesquisadores de todo o país foram surpreendidos com instabilidades na plataforma Lattes, que ficou fora do ar por 15 dias. O sistema foi integralmente restabelecido na última segunda-feira (9). “Esse apagão pode ser considerado como a ponta do iceberg”, refletiu o presidente da Academia Brasileira de Ciências e professor emérito do Instituto de Física da UFRJ, Luiz Davidovich. “É um apagão que está acontecendo na Ciência, devido aos cortes orçamentários”, afirma. O CNPq tinha, em 2016, recursos de R\$ 3,2 bilhões, que agora foram reduzidos para R\$ 1,3 bilhão. Davidovich acredita que a Ciência do Brasil está perdendo muito. “O Brasil está ficando cada vez mais para trás, isso nos angustia. Teremos que lutar muito para recuperar o que está sendo perdido”, diz.

CHAPA 1 – DOCENTES PELA DEMOCRACIA: EM DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

**JOÃO TORRES DE MELLO NETO**
Presidente

Professor titular do Instituto de Física. Pesquisador 1C do CNPq, Cientista Nosso Estado da Faperj

**MAYRA GOULART**
1ª Vice-presidente

Professora adjunta do Departamento de Ciência Política do IFCS, Coordenadora do Laboratório de Partidos, Eleições e Política Comparada da Rural

**RICARDO MEDRONHO**
2º Vice-presidente

Professor emérito da Escola de Química, Presidente do Conselho Superior da Associação Brasileira de Engenharia Química

**ANA LÚCIA CUNHA FERNANDES**
1ª Secretária

Professora associada da Faculdade de Educação, coordenadora do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade

**KARINE DA SILVA VERDOORN**
2ª Secretária

Professora adjunta de Fisiologia Humana do Centro Multidisciplinar de Macaé

**NEDIR DO ESPIRITO SANTO**
1ª Tesoureira

Professora associada do Instituto de Matemática

**ELEONORA KURTENBACH**
2ª Tesoureira

Professora associada do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Pesquisadora 1D do CNPq, Presidente do Espaço Ciência Viva

CHAPA 2 – ESPERANÇAR: UNIVERSIDADE PÚBLICA E SINDICATO AUTÔNOMO, SIM!

**CLÁUDIA LINO PICCININI**
Presidente

Professora associada da Faculdade de Educação, Coordenadora do GT Trabalho e Formação de Professores do COLEMARX

**FERNANDA MARIA DA COSTA VIEIRA**
1ª Vice-presidente

Professora adjunta do Núcleo de Políticas Públicas em Direitos Humanos

**CLEUSA SANTOS**
2ª Vice-presidente

Professora titular aposentada da Escola de Serviço Social, ex-diretora da AdUFRJ

**EDUARDO JOSÉ PEREIRA MAIA**
1º Secretário

Professor adjunto do Instituto de Geociências, Diretor Adjunto de Graduação do IGEIO

**MAYA INBAR**
2ª Secretária

Professora do setor de Artes Visuais do Colégio de Aplicação, carreira do ensino básico, técnico e tecnológico

**JOSÉ HENRIQUE ERTAL SANGLARD**
1º Tesoureiro

Professor adjunto da Escola Politécnica, ex-diretor da AdUFRJ

**LUIS EDUARDO ACOSTA**
2º Tesoureiro

Professor associado da Escola de Serviço Social, ex-diretor da AdUFRJ

DUAS CHAPAS DISPUTAM DIRETORIA DA AdUFRJ

Campanha eleitoral começa na próxima semana, após a homologação dos nomes inscritos. Pela primeira vez, o pleito será virtual. Não deixe de atualizar seus dados

SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

Foi oficialmente dada a largada do período eleitoral da AdUFRJ. O momento é o mais importante da vida da entidade, onde os docentes podem se reunir para debater projetos e decidir os rumos políticos da seção sindical pelos próximos dois anos. Duas chapas, de situação e de oposição à atual gestão, se inscreveram na quinta-feira, dia 12. O professor João Torres, do Instituto de Física, é o candidato a presidente da Chapa 1 – “Docentes pela Democracia: em Defesa da Universidade Pública”. A professora Cláudia Lino Piccinini, da Faculdade de Educação, é a candidata a presidente da Chapa 2 – “Esperançar: Universidade Pública e Sindicato Autônomo, Sim!”.

Pela primeira vez na história do sindicato, o pleito será remoto. Por isso, é fundamental que todos os docentes sindicalizados atualizem seus dados cadastrais pela página da AdUFRJ (www.adufjrj.org.br – aba “atualize seus dados”) ou pelo hot site cadastro.adufjrj.org.br (veja mais detalhes ao lado). As eleições estão marcadas para os dias 13, 14 e 15 de setembro. No mesmo período serão realizadas as eleições para o Conselho de Representantes. A inscrição para o CR segue aberta até 2 de setembro.

A primeira reunião da Comissão Eleitoral, que homo-

logará as chapas candidatas à diretoria, está agendada para a próxima segunda-feira (16). Presidente da Comissão Eleitoral, o professor Hélio de Mattos Alves, da Faculdade de Farmácia, reconhece que a missão é desafiadora. “Vai ser uma situação atípica, mas vamos nos dedicar ao máximo. Queremos pensar os melhores formatos para os debates, de preferência com transmissão pelo Youtube, para ficar gravado, de forma que os professores possam acessar o conteúdo, mesmo que não consigam participar no horário do debate”, sugere.

O professor João Torres, do Instituto de Física, é o candidato a presidente da Chapa 1.

A professora Cláudia Lino Piccinini, da Faculdade de Educação, é a candidata a presidente da Chapa 2.

Ele espera que o processo seja o mais participativo possível. “O mais importante agora é atender ao chamado da diretoria, para que os professores se cadastrem. Boa parte dos docentes já é familiarizada com o processo, pois a maioria dos conselhos de categoria realiza eleições on line”, sublinha o professor. “O papel da Comissão é fazer o processo com total lisura. Esta, aliás, sempre foi uma tradição da AdUFRJ”, diz o docente, que foi diretor da associação na década de 1980.

O professor Luciano Coutinho, da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, acredita que será um momento de bastante trabalho. “Vai ser um sistema eleitoral completamente novo, que muda muito a lógica do que a gente conhece em termos de eleições da AdUFRJ”, diz. O sistema ainda não foi definido. “Dependendo de qual seja, a gente não tem muita

manobra para quem não está no cadastro. Fechado o sistema, não há possibilidade, por exemplo, de incluir novos e-mails, caso seja detectada alguma falha”, analisa. “Por isso é muito importante atualizar os dados”.

As eleições estão marcadas para os dias 13, 14 e 15 de setembro. No mesmo período serão realizadas as eleições para o Conselho de Representantes. A inscrição para o CR segue aberta até 2 de setembro.

O formato da eleição, embora não seja o defendido pelo professor, não o preocupa do ponto de vista da lisura. “É um meio que as pessoas conhecem bem e muito seguro”, esclarece Luciano. A tecnologia Helios Voting, desenvolvida no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e utilizada para eleições nas unidades da UFRJ, é uma das possibilidades. “Se for o Helios atende muito bem, mas para unidades pequenas. Não sabemos como será na AdUFRJ, que tem um colégio eleitoral muito maior”, finaliza o professor.



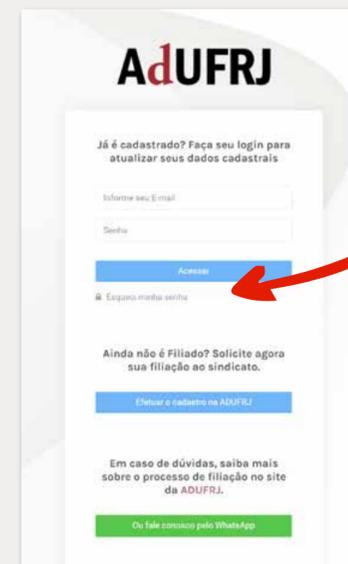
“O mais importante agora é atender ao chamado da diretoria, para que os professores se cadastrem. Boa parte dos docentes já é familiarizada com o processo, pois a maioria dos conselhos de categoria realiza eleições on line”

HÉLIO DE MATTOS ALVES
Presidente da Comissão Eleitoral



ATUALIZE SEUS DADOS

Nos dias 13, 14 e 15 de setembro, serão realizadas as eleições para a diretoria e Conselho de Representantes da AdUFRJ. Atualize seus dados para receber todas as informações.



Acesse: cadastro.adufjrj.org.br

No primeiro acesso, clique em **esqueci minha senha**

Informe o e-mail pelo qual recebe as mensagens da AdUFRJ. Você receberá um link para definir a senha de acesso. Aí, é só atualizar seus dados pessoais e profissionais.



Caso apareça a mensagem **E-mail não encontrado** fale com a gente no **whatsapp** (se não tiver, envie um e-mail para secretaria@adufjrj.org.br).

Você também pode enviar seus dados para o email secretaria@adufjrj.org.br para o Whatsapp da AdUFRJ, (21) 99365-4514 ou telefonar para os celulares (21) 99365-4514 / 99808-0672

Para participar da primeira eleição virtual da história da AdUFRJ, é essencial que os sindicalizados estejam com seus dados atualizados no cadastro do sindicato. Em função da pandemia, a divulgação dos materiais relativos ao pleito e do próprio link da votação vai ocorrer pelo e-mail. O método foi aprovado em Assembleia Geral do dia 9 de julho.

E, desde a semana retrasada, os professores ganharam uma nova opção para fazer esse cadastramento: a página <https://cadastro.adufjrj.org.br>. O sistema permanecerá ativo

mesmo após as eleições para facilitar este procedimento junto à secretaria da AdUFRJ. A página pode ser acessada também pelo site da AdUFRJ, na opção “Atualize seus dados”, no menu superior.

No primeiro acesso, o professor deverá clicar em “esqueci minha senha” e informar o e-mail pelo qual recebe as informações da AdUFRJ. Ele vai receber um link para definir a senha. A partir daí, é só atualizar os dados pessoais e profissionais.

Caso receba a mensagem “e-mail não encontrado”, o professor deverá entrar em



contato com a secretaria pelo número de whatsapp (21) 99365-4514.

Nessa mesma página, na parte inferior, há um botão verde para facilitar o contato. Quem

não tiver o aplicativo pode falar com a secretaria pelo e-mail secretaria@adufjrj.org.br ou pelos telefones (21) 99365-4514 ou 99808-0672.

A página de cadastro tam-

bém orienta como os professores podem se filiar à AdUFRJ. Mas novos sindicalizados não poderão participar da eleição deste ano. O prazo era até 13 de julho.

“OS ATLETAS PARALÍMPICOS ODEIAM O DISCURSO DA SUPERAÇÃO”

LUCAS ABREU

lucas@adufRJ.org.br

Nas Paralimpíadas do Rio, na semifinal de uma modalidade chamada futebol de sete e voltada para atletas com paralisia cerebral, a seleção brasileira foi goleada pelo Irã por cinco a zero. Parte da torcida, provavelmente sem saber que o time iraniano é fortíssimo no esporte, vaiou os jogadores brasileiros. O curioso é que alguns atletas, especialmente os mais veteranos, ficaram satisfeitos com a vaia: a torcida não os tratava mais como coitados.

Quem conta essa história é o professor Luiz Fernando Rojo, da Universidade Federal Fluminense, e pesquisador de Antropologia do Esporte desde 2006. “Eles estavam felizes porque havia uma

mudança de comportamento da torcida, que os estava tratando como atletas”, explicou. “Se ganham, serão aplaudidos; se perdem, serão vaiados”.

Luiz Fernando Rojo pesquisa atletas de esportes adaptados desde 2014 e é coordenador da Comissão de Antropologia dos Esportes da *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences*.

Em 24 de agosto começam os Jogos Paralímpicos de Tóquio, e o **Jornal da AdUFRJ** foi conversar com o pesquisador sobre a importância do esporte adaptado para os atletas e para a sociedade, as possibilidades de ascensão social para pessoas com deficiência e como um projeto de inclusão e estímulo ao esporte pode ser arruinado por falta de investimento.

Jornal da AdUFRJ – Quais são as principais semelhanças e diferenças entre atletas de esportes convencionais e de esportes adaptados?

Luiz Fernando Rojo – Para responder essa pergunta é importante frisar que são todos atletas. A grande diferença é que o esporte adaptado só muito recentemente deixou de ser um esporte exclusivamente de reabilitação. Hoje, trata-se um esporte em vias de profissionalização e de busca de alto rendimento, processo que ainda não atingiu todas as pessoas, com todos os ganhos e todos os problemas decorrentes disso. Porque com isso o esporte começa a ser sujeito ao doping, começa ser sujeito a um nível de esforço corporal muito além do que o nosso corpo é capaz de suportar sem danos. Os ganhos são financeiros, sociais e simbólicos. Uma das semelhanças é a dificuldade dos atletas em conseguir apoio e patrocínio.

Nas últimas três Paralimpíadas, o Brasil esteve entre os dez primeiros países no quadro de medalhas. Quais são as explicações para sermos uma potência paralímpica?

São muitas explicações diferentes. Temos no Brasil 20% da população com algum grau de deficiência. Estamos falando de aproximadamente 42 milhões de pessoas, o que é uma quantidade muito alta. Soma-se a isso um dado que é bastante relevante: ao contrário de outros países, que poderiam ter um desempenho esportivo equivalente ao nosso, no caso do Brasil, o esporte — assim como acontece também no esporte convencional — acaba sendo um dos poucos locais em que pessoas com deficiência podem ter algum retorno social, algum tipo de inserção real dentro da nossa sociedade. E há também as políticas públicas. A lei Agnelo Piva, de 2001, transfere para os Comitês Olímpicos e Paralímpicos uma porcentagem da arrecadação das loterias federais. O governo Lula criou a Bolsa Atleta e a Bolsa Pódio. O esporte passou a ter algo que nunca teve — que não é apenas ter dinheiro. É ter planejamento, algo muito importante em qualquer prática de alto rendimento. Paralelamente, o

esporte paralímpico no mundo passou por um processo de profissionalização e investimento na estrutura dos jogos. No esporte convencional, a defasagem de investimento do Brasil é muito maior do que no esporte adaptado.

O esporte acaba sendo o caminho mais fácil para uma ascensão social?

Exatamente. Certa vez, entrevistei um rapaz que tinha sido convocado para a equipe da seleção sub-18 de futebol para pessoas com paralisia cerebral. Com isso, ele passou a ganhar uma faixa superior do Bolsa Atleta. Ele me contou que sempre se viu e foi visto, em todos os lugares, como “o torto, o aleijado”, aquela pessoa que é um problema, um peso para a família. A mãe era doméstica, o pai fazia serviços gerais. Ele então sempre se viu como um peso para a família em todos os lugares. Naquele dia ele me mostrou as medalhas e contou da convocação, e como ela faria com que a sua renda passasse a ser a mais alta da família. Ou seja, o “torto”, o “aleijado”, o “pobrezinho” é quem passaria a ajudar a família a ter uma vida um pouco melhor. Olha o impacto que é! Não só medalhas na televisão, mas como impacta a vida de uma quantidade de jovens em idade escolar com deficiência, que podem ir transformando a sua vida pouco a pouco. Impacto econômico, social e de autoestima.

É muito comum que todo mérito paralímpico seja contado a partir da superação da deficiência. Esse discurso atrapalha?

Sim, e os atletas odeiam esse discurso. Isso aparece muitas vezes no esporte convencional, como “o rapaz que surfava na tampa de isopor”. O esporte paralímpico é um prato cheio para isso. Os atletas veem de forma muito negativa porque acaba desviando do que é importante para eles. Eles são pessoas com deficiência que praticam esporte, ou são atletas que têm deficiência? Quando você deixa de definir o que eles são pela deficiência, e passa a dizer o que eles são pelo que fazem, é o primeiro passo para cessar essa lógica da historinha de superação. Porque você começa a focar na parte atlética, no rendimento. Não estamos todos nós nos superando de alguma forma? Estamos dando aula na pandemia,



Eles são pessoas com deficiência que praticam esporte, ou são atletas que têm deficiência? Quando você deixa de definir o que eles são pela deficiência, e passa a dizer o que eles são pelo que fazem, é o primeiro passo para cessar essa lógica da historinha de superação

você sendo jornalista na pandemia. Quem faz um bom trabalho está se superando. Essas pessoas são profissionais do esporte, atuando como tal. Quando estamos lidando com atletas de alto rendimento, estamos lidando com um profissional. Pensar desta forma coloca em outra dimensão essa questão da superação.

E agora esse ciclo virtuoso está em risco por falta de investimento?

Sim. A primeira coisa que o Bolsonaro fez foi extinguir o ministério dos Esportes. Embora a verba para os comitês esteja garantida por lei, toda a política de bolsas e demais programas esportivos que foram criados no governo Lula acabaram. 2024 ainda vai herdar o trabalho que foi feito, mas em 2028 vai ser cobrada a conta do que não foi investido nos últimos seis anos.